

A Antropofagia e a redescoberta do Brasil

MARIA LÚCIA BASTOS KERN*

Resumo: O presente estudo tem em vista analisar o “Manifesto Antropofágico” de Oswald de Andrade e os textos da revista *Antropofagia* como discursos que procuram construir uma nova identidade brasileira e fundamentam o projeto de modernidade do país.

Abstract: This study pretends to analyse the “Manifesto Antropofágico” (Anthropofagic Manifest) of Oswald de Andrade, and articles from the journal *Antropofagia* as an expression of the discourse, which searches for a construction of a new Brazilian identity and which represents the basis of the project of Modernity in the country.

Palavras-chave: Antropofagia. Identidade brasileira. Modernidade.

Key words: Anthropofagy. Brazilian identity. Modernity.

“Só a antropofagia nos une. Socialmente.
Economicamente. Filosoficamente”
(Oswald de Andrade).

As observações que seguem têm em vista analisar o *Manifesto Antropófago* (1928) de Oswald de Andrade¹ e os editoriais da revista *Antropofagia* (1928-1929), como discursos fundadores da nova identidade brasileira que fundamenta o projeto de modernidade

* Professora do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

¹ Publicado na revista *Antropofagia* em 1º de maio de 1928. A revista era dirigida por Antônio Alcântara Machado e Raul Bopp, e contou com a participação de jornalistas e de alguns escritores modernistas. O presente estudo concentrou-se sobretudo nos editoriais da revista, com o fim de identificar melhor a orientação da mesma e as linhas de seu programa.

para o país, em face ao contexto do movimento modernista nos anos 20.

No manifesto, o discurso fundador é articulado por Oswald a partir da revisão da história da colonização portuguesa no Brasil² e da construção de uma nova memória nacional que tem como referência o indígena, o negro e as culturas primitivas, até então consideradas inferiores e motivadoras do atraso do país. No entanto, o autor contrapõe o seu manifesto ao ufanismo e ao nacionalismo nativista, dominantes na primeira fase do movimento modernista, bem como ao indianismo romântico que tratou a questão do índio de forma superficial.

O autor do manifesto apresenta, de um lado, as idéias dos europeus sobre as culturas indígenas³ e, de outro, revela as possíveis visões dos índios a respeito do colonizador. Ao articular esses pontos de vista diferenciados é que o escritor modernista projeta as transformações que devem ser concretizadas na sociedade brasileira e a construção da nova identidade.

A recuperação do primitivo é produzida, por Oswald, através da revisão das tradições e mitos dos grupos de índios, adeptos do ritual da antropofagia, rejeitando assim parcialmente a continuidade da filiação cultural do brasileiro aos europeus e, mais especificamente, aos portugueses. Porém, essa visão apresenta ambigüidades originárias, em parte, da culpabilidade das elites europeizadas em relação ao passado histórico e ao presente, face à sujeição do negro escravizado, que, mesmo após a libertação, continua à margem da sociedade, diante do massacre dos índios e da situação do mestiço, que, apesar de livre, também é desprezado.⁴ A Antropofagia procura construir a nova identidade a partir da integração racial e da reconstrução do passado histórico, em muitos momentos idealizado.

A valorização do índio é feita, segundo a visão de Montaigne, em oposição aos abusos do civilizado. Montaigne em *Ensaio* destaca que não vê nada de bárbaro ou selvagem no que dizem dos

² Oswald, nessa revisão da História do Brasil, valoriza os componentes indígenas e negros, que foram quase esquecidos pela historiografia do século XIX. Deve-se destacar que os modernistas consideram como primitivo não apenas os elementos das culturas indígenas, mas também das populares. Essas expressões culturais já estavam presentes no manifesto *Pau-Brasil*, no qual o autor recupera o mestiço, que também foi desprezado pela cultura oficial, e socialmente marginalizado.

³ Oswald menciona os padres Antônio Vieira e Anchieta, dentre outros europeus. Em relação aos índios, ele faz menção às suas lendas do sol – Jaci – e da lua Guaraci, etc.

⁴ CATTANI, I. *Espaços e contextos da pintura modernista no Brasil, 1917-1929*. Paris: Universidade de Paris I, 1980 (tese de doutorado), s/p.

povos indígenas, destacando que “cada qual considera bárbaro o que não pratica em sua terra. [...]. A essa gente chamamos selvagens como denominamos selvagens os frutos que a natureza produz sem intervenção do homem. No entanto, aos outros, aqueles que alteramos por processos de cultura e cujo desenvolvimento natural modificamos, é que deveríamos aplicar o epíteto. As qualidades e propriedades dos primeiros são vivas, vigorosas, autênticas, úteis e naturais; não fazemos senão abastardá-las nos outros, a fim de melhor as adaptar a nosso gosto corrompido. Entretanto, em certas espécies de frutos dessas regiões, achamos um sabor e uma delicadeza sem par e que os torna dignos de rivalizar com os nossos”.⁵

Oswald faz menção a Montaigne no manifesto: “Filiação. O contato com o Brasil Caraíba. *Oú Villegaignon print terre*. Montaigne. O homem natural”.⁶ A sua tese repousa no homem natural, que tem como antítese o homem civilizado e como síntese o homem natural tecnizado.⁷ Ele rejeita o progresso mecânico moderno e visa criar o novo homem brasileiro, a partir da construção de uma sociedade ideal e das noções de homem natural de Montaigne e de bom selvagem de Rousseau. Oswald projeta a integração entre natureza e cultura, e nega a instituição do Estado, buscando uma organização social estruturada no conhecimento dos grupos indígenas anteriores à descoberta.

Ele se apropria dos pensamentos de Montaigne e Rousseau, devorando-os com vistas a estabelecer um programa revolucionário de libertação da sociedade e da cultura brasileiras. A revolução Caraíba se constitui como uma reação anticolonizadora, porém, reconhecendo em parte as qualidades do colonizador e procurando atingir a igualdade na diferença.

Apesar de Oswald se apoiar no pensamento de Montaigne, que relativiza as visões de barbárie e civilização, quando analisa os diferentes usos e costumes indígenas, a sua concepção de antropofagia difere do conceito de canibalismo do escritor francês. O próprio autor brasileiro salienta que a antropofagia é “um ato religioso” que compõe o mundo espiritual do homem primitivo. “Contrapõe-se, em seu sentido harmônico e comunal, ao canibalismo que vem a ser a antropofagia por gula e [...] por fome, co-

⁵ MONTAIGNE, Michel de. “Dos canibais”. In: *Ensaios*. São Paulo: Abril, 1972, p. 105.

⁶ ANDRADE, O. “Manifesto Antropófago”. *Antropofagia* 1, maio de 1928, p. 3.

⁷ ANDRADE, O. “A crise da filosofia messiânica”. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 79.

nhecida através da crônica das cidades sitiadas e dos viajantes perdidos”.⁸

A antropofagia é concebida como um ritual, a partir do conhecimento das práticas usuais entre Tupis, apesar das mesmas terem sido comuns também entre os grupos de índios Caetés, Tupinambás e Tamoios.⁹

No ritual de antropofagia era comum o membro do grupo que executava o inimigo receber após à cerimônia um outro nome, isto é, ser nomeado e assim transformar-se em o outro, ganhando a imortalidade. O “matador não morre”, já que a sua alma teria se apropriado do espírito do cativo abatido. A antropofagia tupi seria uma das modalidades de constituição do eu pelo outro. A execução era honrosa, não só para o sacrificador, mas também para a vítima, pois para o indígena guerreiro era preferível ser devorado do que morrer doente e de forma indigna numa rede. A morte por devoração era uma morte heróica.¹⁰

Anchieta, nos seus relatos sobre o ritual tupi, destaca a crença de que o ato de comer a carne humana não só transforma o índio em outro, mas lhe concede poderes divinos.¹¹ Este processo de mudança lhe confere o poder da imortalidade.

Oswald, ao propor a antropofagia como solução, a contrapõe constantemente à catequese religiosa praticada pelos colonizadores com vistas à conversão dos indígenas e à abolição de costumes e rituais profanos, diferentes dos seus. Em um dos textos da revista, ele estabelece o paralelo entre a antropofagia e o cristianismo, salientando que o ritual da comunhão simboliza o ato de comer o corpo de Cristo¹² e de transformar o fiel em outro. Com isso, ele quer mostrar que em todas as religiões existe a cerimônia da devoção e o fenômeno da alteridade.

Esse fenômeno, presente no ritual antropofágico, é concebido por Oswald de Andrade como o “*sentimento do outro, que significa ver o outro em si, após a constatação em si do desastre, a mortificação ou a alegria do outro*”.¹³ O escritor modernista revela uma noção de alte-

⁸ ANDRADE, Oswald. “A crise da filosofia messiânica”. In: *op. cit.*, p. 77.

⁹ Provavelmente Oswald menciona o costume Tupi por este ter sido mais divulgado na Europa pelos autores quinhentistas e ter, assim, exercido maior impacto em meio à cultura humanista.

¹⁰ COUTO, Jorge. *A construção do Brasil*. Lisboa: Cosmos, 1995, p. 107.

¹¹ MELIÁ, B. “José de Anchieta, etnógrafo de la antropofagia”. *Estudios Leopoldenses – Série História*, 3, 1999, p. 16.

¹² ANDRADE, O. “Schema ao Tristão de Athayde”. *Antropofagia* 5, set. 1928, p. 3.

¹³ ANDRADE, O. “Um aspecto antropofágico da cultura brasileira: o homem cordial”. In: *Obras completas*. p. 141.

ridade que se origina da crise de identidade, visto que para se definir a si mesmo é necessário estabelecer os limites que o separam do outro.

A alteridade consiste numa relação com o outro que tem o fim de compreendê-lo e, ao mesmo tempo, estabelecer a interlocução. Para Lévinas, as duas relações confundem-se, pois da compreensão de outrem é inseparável sua invocação.¹⁴ A alteridade se constitui como fenômeno que permite o conhecimento do outro e, com isso, a sua transformação. Logo, para haver alteridade é necessário que haja uma réplica dupla, inverso ou complementar de si mesmo.

Oswald revela no manifesto e na revista um pensamento dual, em que, ao mesmo tempo, recusa o sistema de colonização português adotado no país, propõe a absorção através do ritual as qualidades da cultura lusa. O ato de deglutir o outro simboliza a transformação e a eliminação das diferenças entre o colonizador e o colonizado.

Oswald preserva esse sentido primevo do ritual antropofágico, quando declara: "Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformá-lo em totem. A humana aventura. A terrena finalidade".¹⁵ O ritual de devoração do tabu é o meio de restituir a dignidade ao homem, porque exterioriza a sua consciência da diferença e soluciona os problemas raciais e culturais de sua sociedade.¹⁶ Ele privilegia no manifesto os aspectos revolucionários e utópicos, construindo a sua poética no sujeito social, a partir da síntese da situação nacional e de uma linguagem telegráfica moderna.

O autor resgata a língua tupi com o fim de contrapô-la à literatura oficial e à língua portuguesa e, ao mesmo tempo, dar uma nova direção ao movimento modernista, buscando a libertação do intelectual brasileiro dos recalques históricos, sociais e étnicos revelados nas obras literárias. Ele quer terminar com a disciplina gramatical dos puristas que mantêm fidelidade ao léxico e à síntese do idioma português. Nessa ânsia revolucionária, Oswald de Andrade declara: "Precisamos rever tudo – o idioma, o direito de propriedade, a família, a necessidade do divórcio – escrever como se fala, sinceridade máxima".¹⁷

¹⁴ LEVINAS, Emmanuel. *Entre nós. Ensaio sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 27. Para o autor, compreender uma pessoa pressupõe falar com a mesma. A linguagem é a condição da tomada de consciência da alteridade.

¹⁵ ANDRADE, "Manifesto Antropófago", p. 7.

¹⁶ "Confúcio e o antropófago". *Antropofagia* 1, 2ª denteção, 17 março 1929, p. 6.

¹⁷ ANDRADE, "Schema ao Tristão de Athayde", p. 3.

A devoração do inimigo representa o ato de deglutir a cultura do colonizador com vistas a absorver de forma crítica as qualidades da mesma, relegando os elementos considerados desnecessários. A criação da ambicionada “cultura autêntica brasileira” dependeria da apropriação do outro, pois o “instinto antropofágico. De carnal, ele se torna eletivo e cria a amizade. Afetivo, o amor. Especulativo, a ciência”.¹⁸

O movimento antropofágico assume um comportamento crítico, comum às vanguardas artísticas do início do presente século, porém procurando superar as deficiências apontadas em relação ao modernismo brasileiro. Enquanto esse último movimento adotou uma postura de entusiasmo em relação ao moderno e ao progresso, e confundiu muitas vezes modernismo com nacionalismo, refugiando-se num nativismo ufanista, a Antropofagia apresenta uma visão mais consciente, na qual valoriza as leis das sociedades indígenas e apresenta um programa de ação para transformar a sociedade brasileira.

Aos antropófagos não interessa ser moderno, pois não ambicionam renovar a produção artística de um movimento que não os satisfaz mais. Eles têm convicção de que o modernismo ainda vive da “servidão mental”, apesar da sua tentativa de libertação e de eliminar uma série de “cacoetes deploráveis”, oriundos do sistema luso de colonização. Entretanto, o modernismo se limitou a uma revolução estética, quando a sua função seria, para o grupo antropofágico, criar o novo pensamento brasileiro. Assim, este é visto por seu valor puramente histórico, levando os adeptos da Antropofagia a repensá-lo e a revisar as suas obras, não aceitando manter a condição de colonizado.

A crítica aos modernistas torna-se mais acirrada, conduzindo à intensificação do processo de ruptura e à provocação do escândalo, através da citação de partes do manifesto e de textos divulgados na revista. Estes são os meios utilizados para elaborar uma teoria crítica e um programa consciente da crise do seu próprio tempo. Os membros do movimento conclamam: “a fase de transição já passou. Entramos com o pé direito no ciclo antropofágico. Libertação”.¹⁹

Para os dirigentes da revista, não interessa a paz, pois o ritual de devoração não se constitui numa mera revolução literária, so-

¹⁸ ANDRADE, *op. cit.*, p. 7.

¹⁹ TAMANDARÉ, O. “Moquem”. *Antropofagia* 5, 2ª dentição, 14 abril 1929, p. 6. O nome do autor de “Moquem” é Oswaldo Costa, jornalista que utiliza o pseudônimo Tamandaré, referindo-se ironicamente ao comandante da marinha brasileira.

cial, política ou religiosa. Ela é constante e “é tudo isso ao mesmo tempo. Dá ao homem o sentido verdadeiro da vida, cujo segredo está [...] na transformação do tabu em totem”.²⁰

A estética proposta se peculiariza pela revolução permanente, na qual as qualidades naturais das sociedades primitivas são valorizadas em contraposição à civilização mecânica moderna e ao racionalismo exacerbado. No entanto, o movimento não pretende renunciar às conquistas materiais, “como o caviar e a vitrola, o gás asfixiante e a metafísica”.²¹ Ele tem em vista combater os males da colonização européia: “Peste dos chamados povos cultos e cristianizados, é contra ele que estamos agindo. Antropófagos”.²²

A oposição ao modernismo, como representante da cultura oficial, ocorre sobretudo na segunda fase da revista, denominada de segunda denteição.²³ A partir desse momento, as obras significativas da literatura nacional são desprezadas, bem como da historiografia brasileira. Grandes nomes da intelectualidade são ridicularizados, na medida em que apresentam concepções sobre a realidade do país diversas daquelas defendidas pela vanguarda antropofágica.

Deste momento em diante, as obras literárias emblemáticas do mundo ocidental também são dessacralizadas, como a *Ilíada* de Homero²⁴ e *Os Lusíadas* de Camões, profanando-as e radicalizando as suas argumentações contrárias, com blasfêmias, humor e ironia. É necessário destruir para revisar o passado cultural e construir o novo de forma independente.

Essa postura torna-se ainda mais radical, no momento em que muitos dos membros do movimento modernista se negam a integrar o grupo antropofágico. “Não pouparemos [...] nenhuma impostura. A todos os inimigos comeremos”.²⁵

²⁰ MIRIM, Japy. “De antropofagia”. *Antropofagia* 2, 24 março 1929, p. 6.

²¹ “Uma adesão que não nos interessa”. *Antropofagia* 10, 12 junho 1929, p. 10.

²² ANDRADE, *op. cit.*, p. 7.

²³ A “primeira denteição” se estende de maio de 1928 a fevereiro de 1929 (10 números da revista), época em que Oswald passa uma temporada em Paris e colabora esporadicamente com a revista. A “segunda denteição”, corresponde ao período de 17 de março a 1º de agosto de 1929, quando os membros do movimento publicam os seus textos e ilustrações no jornal *Diário de São Paulo*, e Oswald de Andrade volta a participar ativamente, radicalizando as suas posturas e levando a reação do público leitor. Esse, por sua vez, é mais numeroso e diversificado, demonstrando nem sempre entender as ironias e blasfêmias da vanguarda antropofágica. Oswald, ao considerar a produção literária modernista como oficial, está exagerando, visto esta ter um público leitor extremamente reduzido, quase restrito ao próprio grupo.

²⁴ MACHADO, Antônio A. “A entrada dos mamalucos”. *Antropofagia* 4, agosto 1928, p. 1.

²⁵ TAMANDARÉ, “Moquem”, *loc. cit.*, p. 12.

Os adeptos da Antropofagia acreditam que os modernistas não os entenderam e que continuam estilizando o índio, como fizeram os escritores românticos. Com isso, eles os atacam acirradamente, proclamando a “deglutição dos ídolos falsos que vivem no nosso aparelho intelectual”.²⁶ A obra de Mário de Andrade, por exemplo, é parcialmente aceita e extremamente criticada. O próprio escritor é alvo de ataques freqüentes, apesar do mesmo exercer o papel de liderança entre os jovens literatos. Entretanto, o seu livro *Macunaíma*²⁷ é reivindicado como produção da Antropofagia. Como esse movimento tem um caráter essencialmente programático e teórico, à sua produção é incorporada a obra de Mário, ao lado de *Cobra Norato* de Raul Bopp.

Os livros destes dois escritores são quase contemporâneos ao manifesto de Oswald²⁸ e produzidos quando começam a viajar pelo país e conhecem a Amazônia. Território que se constitui como representativo da potencialidade do espaço nacional, de ambientação do primitivo e revelador dos traços típicos do brasileiro daquele momento: preguiça, sensibilidade, verborragia e melancolia.²⁹

A obra de Mário funde o real e a fantasia, no anseio de captar o Brasil primitivo e arcaico, demonstrando não aceitar o progresso mecânico³⁰ e assumindo a defesa do desenvolvimento espiritual sem o domínio do primeiro. Para o autor de *Macunaíma*, a cultura deve estar relacionada ao ser, daí a sua preocupação com a sensibilidade do homem brasileiro e a sua oposição ao homem técnico. O destaque do mundo sensível é utilizado pelo autor com o fim de negar a soberania do mundo inteligível. Ele valoriza assim o primitivo, apesar de sua letargia e inércia, e a antropofagia, como elementos de construção da nova estética.

Mário destaca a função simbólica do ato de devorar, tendo como fim retomar as origens da brasilidade, sem a integrar num programa revolucionário, como foi idealizado por Oswald. Ele, ao

²⁶ VIVACQUA, “A propósito do homem antropófago”, *ibid.*, p. 12.

²⁷ O interesse pelo livro de Mário de Andrade é justificado pelo fato do autor combater o cristianismo e o progresso mecânico moderno, assim como pela valorização do primitivo. TAMANDARÉ, “Moquem”, p. 12.

²⁸ *Macunaíma* é escrito de 1926 a 1927; enquanto o livro de poemas *Cobra Norato* é redigido em 1928.

²⁹ LOPEZ, Telê A. *Macunaíma: a margem e o texto*. São Paulo: Hucitec/Secretaria de Cultura, 1974, p. 18.

³⁰ Mário havia lido o livro de Keyserling *Le monde qui naît*, acompanha através de revistas estrangeiras os debates dos intelectuais e lê as novas publicações internacionais, sem sair do Brasil. Já Oswald, viaja com regularidade para Europa, mantendo-se também sempre atualizado.

considerar a devoração e o lirismo, ao mesmo tempo, telúrico e crítico, penetra no imaginário coletivo e resgata a identidade a partir do primitivo. A sua obra revela a sua atualização e o conhecimento das propostas das vanguardas européias contemporâneas.

Quando Mário trata das diferentes etnias e revisa o passado nacional, investiga os estudos dos etnógrafos, bem como os relatos dos viajantes estrangeiros. Em *Macunaíma*, ele reúne as lendas indígenas, o folclore caboclo, os ditados populares, isto é, as expressões culturais que não eram até então valorizadas e legitimadas pelas instituições eruditas.

Nesse livro, ele cria o herói-mítico, definido como o “herói sem caráter”, porque, para o autor, o brasileiro se peculiariza pela ausência de “entidade física permanente”. Mário apresenta uma visão crítica, como Oswald revela, constantemente, no manifesto e nos textos publicados na revista.

Cobra Norato de Raul Bopp³¹ é resultante da viagem pela Amazônia, onde, segundo o próprio autor, “inconscientemente” foi sentindo um novo modo de apreciar a realidade. A malária contraída teria possibilitado ao escritor a criação de um mundo fantástico, a partir de lendas indígenas, como *Cobra Grande*,³² que deu origem ao mencionado livro. Foi nesta viagem que Bopp conseguiu apreender a cultura brasileira, o seu sentido mágico³³ e retomar os mitos nacionais por meio da reconstrução do que seria a vida primitiva.

Nos anos 20, o primitivismo é valorizado pelos modernistas, pois evidencia outras possibilidades de criação de novas linguagens formais, sendo considerado também como fonte de beleza moderna, em contraposição ao ideal de beleza clássico e à *mimesis*, ainda dominante na produção artística brasileira. A simbologia das culturas indígenas, africanas e populares revelam aos intelectuais um novo campo de investigação.

A Antropofagia apresenta um programa no qual, apesar de ter fundamentos comuns às obras de outros escritores modernistas, como é o caso de *Macunaíma* de Mário, estes não são poupados

³¹ 17ª edição, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1994, p. XIII.

³² *Cobra Grande* é o espírito das águas da mitologia indígena da Amazônia.

³³ Observa-se que as leituras de Mário e Oswald são praticamente as mesmas: Keyserling, Freud, Lévy-Bruhl, entre outros autores. O livro de Paulo Prado *O retrato do Brasil* também foi contestado, porque o seu diagnóstico da História do Brasil difere daquele defendido pelos membros do grupo antropófago, apesar das conclusões terem sido bem aceitas. Paulo Prado tem uma visão extremamente negativa e pessimista em relação ao brasileiro, índio e negro, oposta às idéias defendidas pelo grupo Antropofagia.

de severas críticas. O movimento assume, com isso, uma postura destruidora em relação à produção literária de todos aqueles que não aderem ao mesmo ou discordam de suas idéias. Observa-se, assim, a preocupação de seus líderes de impor as suas idéias inovadoras e, ao mesmo tempo, de regulamentá-las, criando zonas de tensão.

Os adeptos da Antropofagia criticam a visão ufanista, dependente da cultura européia e alienada dos problemas sociais que sufocam o país. Também atacam a civilização ocidental por seus vícios, corrupção, dominação e mitificação, bem como pela supervalorização do progresso mecânico.

Não se pode esquecer que certas vanguardas européias, nos anos 20, demonstram um certo pessimismo em relação ao progresso científico e tecnológico, e buscam outras alternativas como meio de solucionar os problemas da civilização ocidental. O Surrealismo, por exemplo, ao incorporar o inconsciente coloca em xeque o pensamento racional, bem como as potencialidades da ciência. Este movimento também recupera as tradições das sociedades primitivas e os seus mitos, com o fim de humanizar o mundo moderno europeu, condicionado pelo progresso material e pensamento racionalista.

No manifesto, Oswald salienta um posicionamento semelhante: “Contra o mundo reversível e as idéias objetivadas. Cada-verizadas. O stop do pensamento que é dinâmico. [...]. O instinto Caraíba. [...]. Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a língua surrealista. A idade de ouro. [...]. A magia e a vida”.³⁴

O projeto de revalorização do mundo indígena e do negro se constitui como uma missão que tem o fim de combater os vestígios da modernidade tecnicista européia e do racionalismo, bem como terminar com a crença na inferioridade de certas raças, num momento de consagração do branqueamento. No Brasil, nesta época, ainda vigora entre alguns intelectuais a concepção de que o desenvolvimento econômico só é possível de ser promovido pela raça branca. Para eles, negros e mestiços não apresentariam condições de agenciar o ideal de modernização.

Com a reabilitação racial e do primitivo, o movimento tem também em vista inverter a tradicional relação colonizador/colonizado. É com esta finalidade que Oswald acentua no manifesto a necessidade de devoração e de “transformação permanente do tabu em totem”³⁵, retomando Freud, porém invertendo

³⁴ ANDRADE, “Manifesto Antropófago”, p. 3.

³⁵ ANDRADE, *ibid.*

do o seu pensamento e demonstrando não concordar, plenamente, com as suas idéias em *Totem e tabu*.

O modernista brasileiro propõe a inversão, com o fim de terminar com as leis ou obrigações sociais e religiosas impostas pelo sistema totêmico, e assim infringir o tabu. Segundo Freud, este contém o sentido de reserva, restrição e perigo, além do seu duplo caráter de sagrado e impuro. Daí a visão de perigo e de temor imposta pelo costume e, mais tarde, pela lei. Aquele que viola o tabu, torna-se tabu, porque representa o perigo.³⁶ Este caráter ambíguo do tabu é projetado por Oswald para transformar-se em totem. É o tabu que deveria ter força de lei, para acabar com a servidão intelectual e, assim, inverter a posição de colonizador em colonizado. Ao incluir no seu programa a devoração, ele está assinalando a interdição social e apelando para a transgressão do tabu, assim como chamando a atenção para as idéias limites de bárbarie e civilização.

Para o autor do manifesto, “a vida é devoração pura. Nesse devorar que ameaça a cada minuto a existência humana, cabe ao homem totemizar o tabu. Que é o tabu senão o intocável, o limite? [...]. O homem do Ocidente elevou as categorias do seu conhecimento até Deus, supremo bem, o primitivo instituiu a sua escala de valores até Deus, supremo mal. Há nisso uma radical oposição de conceitos que dá uma radical oposição de conduta”.³⁷

Oswald acredita que esse fenômeno seria decorrente de dois hemisférios culturais, o Matriarcado e o Patriarcado. O primeiro refere-se ao mundo primitivo, cuja propriedade é coletiva e teria produzido a cultura antropofágica, enquanto o último relaciona-se com o civilizado e a sua cultura messiânica, que criou o Estado de classes e a propriedade privada. Para ele, a ruptura ocorreu quando o homem deixou de devorar o homem, para fazê-lo o seu escravo. A Antropofagia combate esta estrutura social patriarcal, opressora e violenta, em prol do “matriarcado de Pindorama”.³⁸

O modernista brasileiro tem em vista substituir o sistema patriarcal e o seu caráter opressor, que teve origem com a coloniza-

³⁶ FREUD, S. *Totem e tabu* (Obras completas, v. VII). Rio de Janeiro: Delta, s. d., p. 385-490.

³⁷ ANDRADE, *A crise da filosofia messiânica*, p. 77-8.

³⁸ ANDRADE, “Manifesto Antropófago”, p. 7. Oswald apóia-se, provavelmente, no pensamento de L. H. Morgan, cujos estudos realizados sobre os índios norte-americanos no século passado conduziram ao seguinte sistema classificador: grupos horticultores apresentavam um sistema matriarcal, enquanto os caçadores possuíam um sistema social patriarcal. Na época, esta classificação foi generalizada para todas as sociedades primitivas.

ção portuguesa, pelo matriarcalismo que representa a retomada dos valores primevos. Ele quer substituir o poder do pai como superego, e portanto como princípio exterior da realidade, coercitivo e inibitório, pelo princípio interior de prazer.³⁹

Pode-se complementar o pensamento de Oswald, quando ele declara no manifesto: “Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama”.⁴⁰

A Antropofagia projeta a retomada do sistema matriarcal e da solidariedade, decorrente do respeito comum ao totem. No matriarcado, há uma relação integrada do homem com a natureza, sem complexos e violência, que permite a sua libertação, possibilitando a ruptura com o pai, em prol do coletivo.

Oswald trabalha com a dualidade de sistemas sociais e idealiza o *Matriarcado de Pindorama*, como resposta ao colonizador que o teria eliminado. Em todo o manifesto, o autor evidencia que é necessário deglutir o pai colonizador para o colonizado alcançar a independência cultural. O inimigo que é objeto do ritual de devoção era considerado pelos Tupis por suas qualidades guerreiras, daí a importância de devorá-lo, enquanto corpo e entidade moral.

A Antropofagia representa o desejo de integração de todas as culturas e etnias, e o estabelecimento, a partir da metáfora do ritual, da base da identidade brasileira na modernidade, fundamentada na libertação intelectual dos vícios decorrentes do sistema de colonização.

Oswald cria um projeto utópico de sociedade paradisíaca, sem diferenças sociais, no momento que antecede a Revolução de 1930 e em que há um descontentamento geral com a política encetada pelas oligarquias rurais. O autor acredita que seja necessário atingir a unidade nacional, a partir da construção da nova identidade brasileira para promover a modernização do país e de sua cultura, bem como a sua libertação dos recalques de colonizado.

“A nossa independência ainda não foi proclamada. [...]. Expulsamos a dinastia. É preciso expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte”.⁴¹

³⁹ NUNES, Benedito. “Antropofagia ao alcance de todos”. In: *Obras completas – O. Andrade*, p. XLIV.

⁴⁰ ANDRADE, *op. cit.*, p. 7. “Pindorama” é um termo tupi que significa a terra das palmeiras.

⁴¹ ANDRADE, *op. cit.*, p. 7.